

Dossiê: História das artes, história das imagens

História das artes, história das imagens

History of arts, history of images

Historia de las artes, historia de las imágenes

*Martinho Alves da Costa Junior**

<https://orcid.org/0000-0002-0265-6092>

*Kleber Amancio***

<https://orcid.org/0000-0002-5273-970X>

Este número da *LOCUS: Revista de História* indica a pluralidade dos estudos em relação às imagens, passando pela História da Arte, História das Américas, Comunicação, gênero e arte etc, e consolidando igualmente a importância e a emergência dos estudos no campo multiforme das imagens tanto na UFJF quanto na UFRB, lugares nos quais a disciplina é pulsante e integrante das transformações contemporâneas com o rigor necessário para os estudos. Os artigos que compõem essa edição são em sua totalidade pensamentos complexos e contribuições singulares para campos diversos do estudo das imagens.

Em um diálogo entre Poussin, Porbus e Frenhofer na *A obra-prima ignorada* de Honoré de Balzac lemos:

‘Sim, sim, é uma tela, sem dúvida’ disse Frenhofer, enganando-se quanto ao motivo daquele escrupuloso exame. ‘Vejam, aqui está o chassi, o cavalete, e aqui estão minhas tintas, meus pincéis’. E pegou um pincel maior para mostrar-lhes, num gesto ingênuo. ‘O velho tratante está zombando

* Martinho Alves da Costa Junior é professor de História da Arte e da Cultura do departamento e da pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em História da Arte pelo IFCH/UNICAMP. Pesquisador convidado no INHA-Paris em 2012. Realizou o pós-doutoramento na Université Libre de Bruxelles e no IFCH/UNICAMP. Pesquisador do CHAA – Centro de História da Arte e Arqueologia e do LAHA – Laboratório de História da Arte da UFJF. É editor associado da RHAC – Revista de História da Arte e da Cultura do IFCH/Unicamp. Autor do livro *Identidades Cruzadas: CCBB, Claraluz de Regina Silveira e seus espectadores*, São José do Rio Preto: Bluecom, 2009 e *Benedito Calixto: Folha de São Paulo/Itaú Cultural*, 2013. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA) e da Associação Internacional dos críticos de arte (AICA).

** Kleber Amancio é professor de história, teoria, crítica e curadoria de arte do Centro de Cultura, Linguagem e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do mestrado profissional em história da África, da diáspora e dos povos indígenas pela mesma instituição. Doutor em história social pela Universidade de São Paulo (USP) e visiting researcher na Universidade de Harvard. Pesquisador da linha escravidão e invenção da liberdade na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do grupo de pesquisa Nós e os outros, na UFRB.

de nós', disse Poussin, voltando a olhar o suposto quadro. 'Só estou vendo cores confusamente espalhadas umas sobre as outras, contidas por uma multidão de linhas bizarras que formam uma muralha de pintura'. 'Acho que não estamos entendendo', continuou Porbus (Balzac 2003,53).

Muitas variações de sentido do diálogo, a importância do olhar individual, a inteligência originária da intuição e a procura inquieta do olhar inquisidor buscando sentido sempre em todas as coisas. Evidente que nesse dossiê *História das artes, histórias das imagens*, procuramos manter o escopo aberto para uma compreensão fractal das imagens e tal qual a reação de Poussin e Porbus da novela de Balzac, propomos estranhezas, compreensões amplas de imagens ou temas e estudos particulares descortinando como palimpsestos ou camadas de tintas outras trajetórias, sentidos e compreensões.

A ideia geral dessa publicação é contemplar a história das imagens e das artes em variações amplas, em escolas diferentes, unidas pelo objeto de pesquisa. Entendemos que o escopo da disciplina têm se ampliado cada vez mais a partir da interdisciplinaridade e das transformações políticas no mundo contemporâneo. Dessa forma, por exemplo, o precioso estudo de caso como o da Charlotte Collet, *L'œuvre recomposée : représentation du groupe et de l'individu chez Paul-Emile Chabas (1869-1937)*, analisa de forma lúcida a obra *Chez Alphonse Lemerre à Ville-d'Avray (1895)* de Paul Chabas, explanando sobre as variações artísticas, políticas e sociais em relação ao artista. No caso do artigo temático de Martinho Alves da Costa Junior, por seu turno, em *Simbolismo: uma outra imagem do moderno*, o alvo é a explicação do simbolismo entendido ali como uma manifestação cultural ampla e ativa em várias esferas, da literatura à ópera. Rodrigo Daniel Sanches e Júlio Alves Lima de Castro Leite demonstram como em nossa contemporaneidade a imagem do corpo da mulher é ressignificado pelas mídias e apontam como o ideal da beleza da magreza continua a se impor nos dias atuais no artigo *A imagem do corpo feminino na mídia: a história do presente, o peso da leveza e a economia da sedução*. Questões sobre o corpo perpassam igualmente o artigo *A propósito dos lançadores de pedras: imagens sobreviventes de um gesto de insurreição*, de Vinícius Alexandre Rocha Piassi. Analisa os gestos corporais na ação de resistência dos lançadores de pedras, bombas ou coquetéis *molotov*, apoiando-se na iconografia enraizada na tradição da história da arte e sua relação com certa ideia política revolucionária o artigo mostra como tais gestos também estão atrelados aos ideais de vigor masculino e resistência viril. Em *A expulsão dos mouriscos da Espanha: sete telas que representaram o desterro*, Ximena I. León Contrera intercepta a obra a partir da recepção política da mesma, pensa as imagens como documentos agentes de seu tempo. Em *Sobre lo que podría ser una poética (s) (afro)diaspórica: cuatro artistas colombianas*, Nohora Arrieta Fernandez propõe interrogar a partir de novos prismas, marcadores sociais como sexo, raça e nacionalidade (tão caros na pós-modernidade) influenciam ativamente na articulação da linguagem, na expressão formal.

Parece evidente que o trabalho firme com as imagens - seja da história da arte e seus diálogos com outras disciplinas, ou da prática artística - é parte constitutiva de nossa espécie. Mário Pedrosa atesta com clareza:

A atividade artística é uma coisa que não depende, pois, de leis estratificadas, frutos da experiência de *apenas uma época* na história da evolução da arte. Essa atividade se estende a todos os seres humanos, e não é mais ocupação exclusiva de uma confraria especializada que exige diploma para nela se ter acesso. A vontade de arte se manifesta em qualquer homem de nossa terra, independente do seu meridiano, seja ele papua ou cafuzo, brasileiro ou russo, negro ou amarelo, letrado ou iletrado, equilibrado ou desequilibrado (Pedrosa 2015, 55).

Se é verdade que a atividade artística está presente em todos os seres humanos, todos somos também interpelados pelas imagens e as interpretamos como podemos, a partir das condições históricas a que somos submetidos. A história da arte, a comunicação, as ciências sociais criam mecanismos para melhor entendê-las. Arduas, elas sempre escapam: o mundo labiríntico das significações das imagens é acessado parcialmente. Não é um acaso que falamos há 500 anos do políptico de Issenheim, famoso retábulo de Grünewald, e continuamos a descortinar elementos preciosos acerca de seu universo. Enquanto continuarmos a olhar, outros pontos aparecerão e aquilo que julgávamos relevante outrora poderá deixar de sê-lo.

Enrico Castelnuovo, em um célebre texto, indica a complexidade da disciplina História da Arte e suas ramificações. Em suas palavras,

[...] o melhor caminho possível para fazer história da arte é recuperar, com todos os meios que temos à disposição, tudo o que é possível saber sobre o ponto de partida, sobre os critérios de composição, de avaliação etc., seguidos pelo artista e pelo público, ou melhor pelos públicos, tendo ao mesmo tempo uma clara consciência de nossa situação, vale dizer, de onde estamos e de onde nos posicionamos quando tentamos certas operações. [...] Complexidade e multiplicidade: o historiador da arte deve olhar em muitas direções, levar em conta muitos e muitos dados” (Castelnuovo 2006, 145).

Dados preciosos de Castelnuovo e que, de certa forma, correspondem às demandas atuais da disciplina. “[...] Todos os meios que temos à disposição” significam também o que o tempo pede e até que ponto os questionamentos são importantes em determinada época. Os horizontes hoje pedem por mais janelas, mais amplas e abertas para diversos caminhos. Pensar em análise das imagens por meio da história da arte é tarefa hercúlea e necessária. A disciplina jamais se pensou isoladamente, sempre em relação ou posicionada entre tantas outras.

Esse ponto de vista é enaltecido por uma visão que pensa a história da arte em relação à história das imagens ou das formas, de maneira a mais ampla possível. Hans Belting, seja em *Imagem e Culto* ou *O fim da história da arte*, reflete acerca de termos abrangentes no qual as imagens, especialmente fora do conjunto tradicional encarado pela disciplina, podem ser pensadas juntas. Se hoje questionamos mais claramente o lugar que certas imagens têm na história da arte, trabalhamos igualmente do ponto de vista revisionista e por muitas vezes condenando a atuação e a disciplina

realizada no passado. Para voltar a Castelnuovo é preciso agir com todos os artifícios que possuímos, no entanto, tais pontos também são históricos.

Este número da LOCUS: Revista de História indica a pluralidade dos estudos em relação às imagens, passando pela História da Arte, História das Américas, Comunicação, gênero e arte etc, e consolidando igualmente a importância e a emergência dos estudos no campo multiforme das imagens tanto na UFJF quanto na UFRB, lugares nos quais a disciplina é pulsante e integrante das transformações contemporâneas com o rigor necessário para os estudos. Os artigos que compõem essa edição são em sua totalidade pensamentos complexos e contribuições singulares para campos diversos do estudo das imagens.

Referências bibliográficas

Balzac, Honoré de. *A obra-prima ignorada*. Trad. Port. Teixeira Coelho. São Paulo: Comunicar Editorial, 2003.

Castelnuovo, Enrico. *Retrato e sociedade na arte italiana: ensaios de história social da arte*. Trad. Port. Franklin de Mattos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Pedrosa, Mário. *Arte ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2015.